

MATERNIDADE E MATERNAGEM: OS ASSUNTOS PENDENTES DO FEMINISMO

MOTHERHOOD AND MOTHERING: THE UNFINISHED BUSINESSES OF FEMINISM

RESUMO

Este artigo apresenta, traduz e compartilha conceitos desenvolvidos por Andrea O'Reilly sobre os Estudos Maternos e o Feminismo Matricêntrico. Tais conceitos embasaram teoricamente a minha pesquisa de doutorado, na qual explorei o tema da maternidade na publicidade brasileira e canadense. Inicialmente, apresento os sentimentos ambivalentes, as dificuldades enfrentadas pelas mães contemporâneas, e menciono os modos como a maternidade e maternagem afetam as rotinas cotidianas das mulheres. Em seguida, discuto motivações e conceitos que embasam a teoria e prática do Feminismo Matricêntrico (O'REILLY, 2016). Segundo a autora, a maternidade e maternagem permanecem como assuntos pendentes do feminismo, o que ocorre, especialmente, nos debates acadêmicos; mas, também, nas práticas ativistas feministas contemporâneas. Ao final, concluo que é necessário criarmos espaços para debatermos a maternidade e maternagem no Brasil como assuntos relevantes para os estudos feministas e os estudos de gênero, e expresso a necessidade de defesa da inclusão, permanência e progresso de mulheres mães nas universidades brasileiras.

Palavras-chave: Maternidade. Maternagem. Estudos Maternos. Feminismo Matricêntrico. Estudos de Gênero.

ABSTRACT

This article presents, translates, and shares concepts developed by Andrea O'Reilly about Motherhood Studies and Matricentric Feminism. These concepts were part of the theoretical foundation of my doctoral research, in which I explored Motherhood in Brazilian and Canadian advertising. First, I present the ambivalent feelings and difficulties faced by contemporary mothers, mentioning how motherhood and mothering affect women's daily routines. Next, I discuss motivations and relevant concepts related to the theory and practice of Matricentric Feminism (O'REILLY, 2016). According to this author, motherhood is the unfinished business of feminism in academic debates and feminist activist movements. I conclude by arguing that it is necessary to create spaces to discuss motherhood and mothering in Brazil as relevant issues for Feminist and Gender studies; and expressing the need for support for the inclusion, permanence, and progress of mothers in the Brazilian universities.

Maria Collier de Mendonça

Professora Adjunta no Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Pós-doutora em Mídias do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEGC/
UFSC). E-mail: maria.cmendonca@ufpe.br

Keywords: Motherhood. Mothering. Motherhood Studies. Matricentric Feminism. Gender Studies.

Introdução: as dificuldades enfrentadas pelas mães contemporâneas

Neste artigo, inicialmente, exponho algumas dificuldades enfrentadas pelas mães contemporâneas. Em seguida, apresento motivações e argumentos que fundamentam o Feminismo Matricêntrico, proposto por Andrea O'Reilly (2016) e colaboradoras. Para tanto, proponho traduções e explicações de conceitos basilares dos estudos maternos, ressaltando ideias centrais extraídas de seu livro *Matricentric Feminism* (O'REILLY, 2016). Após discutir dificuldades maternas, as motivações e conceitos do Feminismo Matricêntrico, defendo que nós, brasileiras e brasileiros, também precisamos criar espaços para a discussão da maternidade e maternagem nos estudos brasileiros sobre mulheres e gênero.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil, 2013), a taxa de fecundidade brasileira, atualmente, corresponde a 1,64 filhos(as) por mulher. Nos anos 1970, esta taxa – que indica o número médio de filhos(as) que uma mulher brasileira teria, de 15 a 49 anos de idade, ao final de seu período reprodutivo –, era de 5,8 filhos(as) por mulher (MENDONÇA, 2014). Este dado quantitativo sinaliza o quanto a maternidade e a maternagem afetam as rotinas cotidianas, os destinos e as histórias de vida das mulheres brasileiras. Inúmeros fatores influenciam a decisão de se ter ou não uma criança no país, seja por meios biológicos ou através da adoção. Dentre eles, podemos elencar questões individuais, relacionadas às dimensões subjetivas, mas há, também, influências socioculturais e econômicas.

Qualitativamente, a discussão sobre os motivos pelos quais as mulheres brasileiras estão tendo menos filhos(as), ou simplesmente não desejam mais ter filhos(as), abarca diversos sentimentos, motivações e dificuldades relacionados à maternidade e à maternagem na contemporaneidade. Segundo pesquisa qualitativa, realizada por Maria Collier de Mendonça (2014), com mulheres grávidas e mães brasileiras e canadenses, a maternidade desencadeia transformações profundas nas rotinas cotidianas, revisões de valores e prioridades vitais das entrevistadas. Desde o início da gravidez, surgem ansiedades, tensões, expectativas e transformações corporais, que se processam de maneira rápida e contínua. Durante o primeiro ano de vida das crianças, a amamentação e os demais cuidados de maternagem preenchem o dia a dia das mães, de modo que elas se queixam do cansaço físico e do estresse psíquico e emocional. Quando as crianças crescem e adquirem relativa autonomia, as preocupações maternas transferem-se para os temas da nutrição, saúde, formação de valores e educação dos filhos(as). Nesse contexto, a retomada das atividades profissionais não é nada fácil, conforme relataram as entrevistadas. Ainda

que se esforcem para conciliar diferentes tarefas e papéis, dentro e fora de casa, elas enfrentam muitas dificuldades para manejar o tempo dedicado aos filhos(as), aos cônjuges, às tarefas domésticas, a si mesmas ou às questões profissionais. Frente às inúmeras atribuições, muitas mães relatam que não conseguem dar conta de tudo aquilo que desejariam. Em virtude disso, alteram seus esquemas de trabalho, passam a trabalhar em casa, prestando serviços autônomos, abrem negócios próprios, ou simplesmente deixam de trabalhar (MENDONÇA, 2014).

O desejo de serem socialmente vistas como “boas mães” contrasta-se com os sentimentos de ambivalência materna, ansiedade, e culpa, entre as mulheres entrevistadas (MENDONÇA, 2014). Se, por um lado, os ideais de perfeição materna (HAYS, 1996; DOUGLAS & MICHAELS, 2005; FERNANDES, 2006) têm afetado os sentimentos dessas mulheres, por outro, eles também estimulam reflexões relevantes e negociações consigo mesmas (MENDONÇA, 2014).

Na leitura do sociólogo Zygmunt Bauman (2004), ter filhos(as), hoje em dia, é uma decisão angustiante, porque envolve custos emocionais e financeiros altíssimos. Numa época de empregos instáveis, essa decisão torna-se uma fonte de ansiedade e medo. Afinal, exige que nos tornemos responsáveis, o tempo inteiro, pelo bem-estar de outro ser, muito mais fraco e dependente em relação ao nosso próprio conforto. O que envolve, ainda, sacrifícios profissionais, exposição a dores, perigos e outros riscos imponderáveis (BAUMAN, 2004). Nesse contexto, para o psicanalista Joel Birman (2006), atualmente, a promoção da autonomia fundamenta-se na exaltação do eu e, assim, “o outro desaparece do horizonte psíquico do sujeito” (BIRMAN, 2010, p. 39).

Lisa Baraitser (2009) enfatiza que as experiências maternas provocam momentos desestabilizadores nas vidas das mulheres, porque as subjetividades maternas constituem-se de modos precários, instáveis e lentos. Tais experiências ocorrem dialogicamente, por meio de sucessivas trocas dentre mães e filhos(as), resultantes de consecutivas transformações, interrupções e encontros. Para Baraitser (ibid.), o tempo materno é um tempo interrompido, uma vez que se passa de maneira muito diferente da rotação ou do ritmo acelerado contemporâneo (BARAITSER, 2009).

Em *The Monster Within: The Hidden Side of Motherhood*, Barbara Almond (apud O'REILLY, 2016, tradução nossa) define a ambivalência como um estado mental no qual sentimos – ao mesmo tempo – amor e ódio pela mesma pessoa. Trata-se de uma característica comum a todas as relações humanas, não somente às relações entre mães e filhos(as). Para Almond, ser capaz de tolerar esses dois sentimentos, em momentos diferentes, sem que um deles destrua o outro, é sinal de “boa saúde mental”. Almond argumenta que a ambivalência, por si só, não é um problema. Segundo a autora, o que se torna problemático é a raiva e a ansiedade que a ambivalência pode provocar. Como disse Adrienne Rich (1976), o medo que as mães sentem é que o ódio possa soterrar o amor (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

Julie Stephens, em *Confronting Postmaternal Thinking* (apud O'REILLY, 2016), argumenta que, atualmente, existe uma grande ansiedade cultural relacionada às necessidades humanas de nutrição, cuidado, dependência e

expressão emocional. Por esse motivo, é preciso compreender a maternidade para além de uma crença ou conceito fundamentado na diferença de gênero. Uma vez que a maternidade está relacionada à dependência e à construção de uma subjetividade materna conectada, envolve uma concepção do si mesmo que resulta na antítese do indivíduo autossuficiente, livre para voar, de gênero neutro, que desfruta do mercado neoliberal. Esta reflexão ultrapassa a ambivalência materna, porque está imersa nos valores ideológicos e culturais contemporâneos. Diz respeito à constituição da maternidade nos debates políticos, na cultura pop e nas mídias, bem como nas narrativas pessoais (literárias ou *on-line*), ou ainda nas concepções desejáveis das subjetividades e autoimagens maternas (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

Ao escrever *The Problem of Maternal Desire*, Daphne de Marneffe (2007, p. 668-682, tradução nossa), ressaltou que quando Freud teorizou a psicanálise, no século XIX, a sexualidade feminina era, de fato, reprimida. Paradoxalmente, hoje em dia, “parece que o desejo sexual e o desejo de maternar trocaram de lugar em termos de tabus” (ibid., p. 668-669, tradução nossa). De acordo com Marneffe (ibid), o desejo de se ter filhos(as) é diferente do desejo de se cuidar de uma criança, os quais também são diferentes do desejo de não se ter filhos(as). Segundo a autora, atualmente, muitas mulheres veem a maternidade e a maternagem como obstáculos para a realização profissional, pois assistem às mães perderem oportunidades de trabalho, prestígio social e poder econômico. Dessa maneira, mulheres jovens observam mães tentarem fazer tudo ao mesmo tempo e, ainda, percebem-nas como mulheres frustradas, exaustas ou deprimidas; ao mesmo tempo em que vislumbram uma infinidade de destinos possíveis para além da maternidade e maternagem (MARNEFFE, 2007, tradução nossa).

Após a breve exposição do contexto complexo e complicado, no qual a maternidade e maternagem se inserem atualmente, apresentarei o campo dos estudos maternos e suas bases conceituais.

O desenvolvimento dos estudos maternos

Em 2006, Andrea O'Reilly cunhou o termo *Motherhood Studies*, para demarcar os Estudos Maternos (*Motherhood Studies* em tradução nossa) como disciplina distinta e autônoma na América do Norte. Baseado em conceitos teóricos extraídos de Adrienne Rich, Sara Ruddick, Patricia Hill Collins, Andrea O'Reilly, dentre outras, o campo integra ciências humanas, sociais e biológicas. Mas também, dialoga frequentemente com os estudos das mulheres e os estudos feministas. Além disso, O'Reilly e colaboradores(as) estimulam a participação de instituições não-governamentais, ativistas e profissionais dedicados à maternidade e maternagem nos debates, eventos e publicações que organizam. Trata-se, portanto, de um campo extremamente interdisciplinar, cujas linhas de pesquisa envolvem:

- a. A discussão crítica de políticas públicas, leis, ideologias e imagens maternas, que sustentam a opressão das mães e a permanência dos valores patriarcais;
- b. O estudo das experiências práticas relacionadas ao cuidado dos(as) filhos(as);
- c. As repercussões que o *tornar-se mãe* desencadeia nas identidades, subjetividades, autoestimas e autoimagens das mulheres. Em outras palavras, os modos como a cultura da maternidade e as experiências de maternagem transformam as mães, nas dimensões identitárias e subjetivas (O'REILLY, 2010).

Andrea O'Reilly é professora titular na *School of Gender, Sexuality and Women's Studies* da Universidade de York, em Toronto, Canadá. Seu trabalho é internacionalmente reconhecido. Contempla a publicação de mais de vinte livros sobre maternidade e maternagem, a direção editorial da *Demeter Press* (primeira editora canadense focada nos estudos maternos), a organização de congressos internacionais e periódicos científicos sobre o tema.

Aos 23 anos, O'Reilly concluiu seu bacharelado em *Women's Studies* e também deu à luz o seu primeiro filho. Nessa época, a pesquisadora percebeu que não havia cursado nenhuma disciplina, durante a graduação, na qual tivesse estudado a maternidade com profundidade. Segundo relata, nas raras vezes em que se discutiram questões maternas, o tema foi enquadrado nos contextos da domesticidade, da literatura do século XIX, ou da cultura patriarcal (O'REILLY, 2016).

Em 1986, O'Reilly iniciou sua pesquisa doutoral em literatura inglesa. Três anos depois, ao completar 28 anos, era a única mãe de três filhos no programa de pós-graduação ao qual estava vinculada. Buscava histórias e teorias sobre mães, mas não encontrava. Em virtude disso, propôs e lecionou a primeira disciplina focada na discussão da maternidade no Canadá. Esta foi ministrada para estudantes do terceiro ano do bacharelado em *Women's Studies*, na York (O'REILLY, 2016).

Em 1996, O'Reilly organizou o primeiro evento científico sobre maternidade no campus da *York University*. O evento foi um sucesso e motivou a fundação da ARM (*Association for Research on Mothering*), que anos depois se tornou MIRCI (*Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*). A MIRCI foi uma rede mundial dirigida por O'Reilly, que promoveu o debate interdisciplinar sobre maternidade, maternagem e feminismo, reunindo ativistas, profissionais e pesquisadores(as) acadêmicos(as). Recentemente, essa rede cresceu e passou a se chamar IAMAS (*International Association of Maternal Action and Scholarship*).

Se, para Virginia Woolf (1928, 2014), uma mulher precisava de dinheiro e de um teto todo seu para escrever ficção, para Andrea O'Reilly (2016), as mães necessitam de um feminismo todo seu. É importante esclarecer, desde já, que, quando O'Reilly utiliza o termo “mães”, se refere a qualquer pessoa engajada no trabalho materno, independentemente do gênero, sexo ou vínculo biológico com a criança ou filho(a) adulto(a) que necessite de cuidados maternos: “...como Sara Ruddick teorizou sobre

as práticas maternas; este conceito não se restringe às mães biológicas, porque diz respeito a todas as pessoas que tornam o trabalho da maternagem uma parte central de suas vidas” (O'REILLY, 2016, p. 1, tradução nossa).

Em *Matricentric Feminism*, O'Reilly (2016) argumenta que a maternidade é a questão pendente do feminismo e propõe a construção de uma teoria, política e prática feministas, centradas no materno. Seu trabalho promove a inserção dos temas maternidade e maternagem nas discussões e práticas feministas contemporâneas. Dessa maneira, a autora apresenta uma introdução ao feminismo matricêntrico e explica os modos como esta nova corrente feminista se relaciona com outras teorias, ativismos e práticas feministas (O'REILLY, 2016, p. 1, tradução nossa).

Bases conceituais: maternidade e maternagem

As traduções dos conceitos – *motherhood* para maternidade, *mothering* para maternagem e *motherhood studies* para estudos maternos – foram realizadas na pesquisa doutoral de Maria Collier de Mendonça (2014), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação de Oscar Angel Cesarotto e coorientação de Andrea O'Reilly na Escola de Estudos de Gênero, Sexualidade e Estudos das Mulheres da Universidade de York.

Segundo Mendonça (2014), a definição de *motherhood* foi cunhada por Adrienne Rich (1976) e diz respeito ao poder biológico e aos significados institucionais, simbólicos e culturais da maternidade. Em decorrência disso, maternidade é a palavra que melhor traduz o conceito de *motherhood* para o português. Já o termo *mothering* resulta da fusão do verbo *to mother* (RUDDICK, 1989) com o sufixo *-ing*, que indica ação e processo contínuo. Portanto, a palavra maternagem corresponde ao termo que melhor traduz o conceito de *mothering* para o português, pois inclui o sufixo *-agem*, de origem latina, que expressa, exatamente, a ideia de ação ou resultado de ação. Vale ressaltar que outras áreas, como a psicologia e o serviço social, já utilizam o termo maternagem para designar cuidados com bebês e crianças, realizados pelas mães ou outros cuidadores.

Os dez pressupostos que embasam a cultura da maternidade patriarcal

O'Reilly (2013) sintetizou dez pressupostos ideológicos que moldam a cultura da maternidade patriarcal e, conseqüentemente, tornam a maternagem opressiva para as mulheres. São eles: essencialização, privatização, individualização, naturalização, biologização, normalização, especialização, intensificação, idealização e despolitização da maternidade.

A essencialização posiciona a maternidade como fundamento da identidade feminina. A privatização situa o trabalho materno exclusivamente nas esferas reprodutiva e doméstica. De maneira similar, a individualização transforma a maternagem em um trabalho de responsabilidade individual, centrado, unicamente, na figura da mãe. A naturalização pressupõe que a maternidade seja natural para as mulheres, inferindo que todas nós, mulheres, já nascemos sabendo como maternar “naturalmente”. Isto reforça o entendimento da maternagem como um trabalho guiado por “instintos” e “hábitos”, que não exige o uso da inteligência nem o aprimoramento de diversas habilidades e qualificações. A biologização enfatiza laços sanguíneos, posicionando a mãe biológica como a mãe autêntica e “real”. A normalização limita e restringe as identidades e práticas maternas ao modelo específico da família nuclear, no qual a mãe é a esposa e principal cuidadora dos filhos(as), enquanto seu marido encarna o papel de provedor econômico.

A especialização e a intensificação relacionam a maternidade ao que Sharon Hays (1996) definiu como maternagem intensiva (tradução nossa) e ao que Susan Douglas e Meredith Michaels (2005) chamaram de *New Momism*; enquanto a especialização defende que a criação dos filhos(as) seja guiada por especialistas, tornando as práticas de maternagem extremamente demandantes, em termos de gastos de energia, dinheiro e esforços maternos. A idealização estabelece modelos maternos inatingíveis, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade sobre as mães. Por fim, a despolitização da maternidade caracteriza a criação e a educação dos(as) filhos(as) como atividades privadas, sem relações nem implicações sociopolíticas (O'REILLY, 2013).

A Maternagem Intensiva (HAYS, 1996) propõe que a criação dos(as) filhos(as) seja pautada por métodos guiados por especialistas, centrados nas crianças, intensamente trabalhosos, emocionalmente desgastantes e financeiramente caros para as mães. Esta ideologia contribui para a manutenção das hierarquias de gênero, pois situa a criação dos(as) filhos(as) como um trabalho doméstico, privado e feminino. Desta maneira, reforça a subordinação das mulheres e desobriga os homens, os políticos e o Estado, de prestarem a devida assistência de que as mães e as crianças necessitam (HAYS, 1996, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o *New Momism* (DOUGLAS & MICHAELS, 2005) corresponde a um conjunto de ideais, normas e práticas, que têm sido amplamente divulgados nas mídias massivas. Apesar de, aparentemente, celebrar a maternidade, o *New Momism* promove padrões de perfeição materna inatingíveis, e, assim, configura uma visão intensamente romantizada e exigente da maternidade, na qual os padrões de sucesso maternos são impossíveis de se atingir.

Hoje em dia, os padrões que moldam a boa maternidade estão realmente passando dos limites. Eles tornaram-se inatingíveis, ao mesmo tempo em que houve, de fato, uma queda real no tempo livre ou naquele dedicado ao lazer pela maioria dos norte-americanos. Desde os anos de 1980, a ética de trabalho *yuppie* instituiu a ideia

de que precisamos continuar trabalhando (em nossas conexões, portfólios, finanças etc.), mesmo quando estamos fora do trabalho e isto conquistou totalmente a maternidade (DOUGLAS & MICHAELS, 2005, p. 4-5, tradução nossa).

As contranarrativas de maternagem empoderada

De acordo com O'Reilly (2016), Sara Ruddick (1989) foi a primeira filósofa norte-americana que teorizou a experiência da maternagem, em oposição à instituição da maternidade. Ruddick transformou o substantivo *mother* (mãe) no verbo *to mother* (maternar). Desta maneira, Ruddick nomeou o trabalho materno (maternagem), situando-o no âmbito das experiências e práticas cotidianas (RUDDICK, 1989, apud O'REILLY, 2016, p. 27-28, tradução nossa).

Ao utilizar o termo mãe para se referir a “qualquer pessoa que assuma as responsabilidades pela vida de uma criança ou a qualquer adulto(a) que considere os cuidados infantis como parte importante de sua vida pessoal ou profissional”, Ruddick (1989, apud O'REILLY, 2016, p. 28) contribuiu para a desconstrução do essencialismo de gênero nos estudos maternos. Nessa linha de pensamento, posteriormente, Andrea Doucet (2006) pesquisou a maternagem masculina e outras autoras estudaram a maternagem *queer* (O'REILLY, 2007; 2014).

O'Reilly (2013) observa que os dez pressupostos ideológicos, anteriormente apresentados, estruturam e mantêm a maternidade como instituição patriarcal. Desse modo, eles enfraquecem a importância da maternagem, desvalorizam socialmente o trabalho materno e, ainda, promovem modelos maternos inatingíveis. Consequentemente, sobrecarregam as mães e reforçam, nelas, sentimento de culpa, cansaço físico e estresse psicológico. Apesar disso, O'Reilly (ibid.) acredita que da mesma forma que estes pressupostos foram construídos culturalmente, eles podem ser desconstruídos, pois não são naturais nem são inerentes às práticas de maternagem. Assim,

(...) torna-se possível desestabilizar a sustentação de seu discurso e sua conseqüente interferência nas práticas e significados da maternagem. Cria-se, então, um espaço para articulação de contranarrativas que visem a estimular alternativas de maternagem que empoderem as mulheres, em vez de oprimi-las (O'REILLY, 2013, p.188, tradução nossa).

A construção coletiva dos estudos maternos

Além de denso, amplo e original, o trabalho de O'Reilly é, sobretudo, construído dialogicamente com participantes dos congressos organizados por suas

redes, como também das publicações da *Demeter Press*. A produção organizada por O'Reilly acolhe, portanto, várias disciplinas acadêmicas, diferentes correntes teóricas e movimentos ativistas, reunindo pessoas de diversas origens étnicas, religiosas e culturais.

A disciplina intitulada *Mothering and Motherhood*, ministrada por O'Reilly na York, explora, amplamente, as questões relacionadas à maternagem e à maternidade. Seu programa inclui diversas perspectivas teóricas e análises de obras de ficção (livros, filmes, documentários). O objetivo é desenvolver o pensamento crítico estudantil sobre as questões maternas contemporâneas, considerando questões locais e globais, relacionadas às diferenças entre classes sociais e etnias; aspectos sociais, políticos, econômicos e demais desigualdades (O'REILLY, 2016, apêndice A, tradução nossa).

Como exemplos do abrangente escopo dos estudos maternos, podemos citar os estudos sobre a maternagem afro-americana (HILL COLLINS, 2007) e sobre a maternagem *queer* (GIBSON, 2007). Patricia Hill Collins (2007) escreveu que as mães negras tiveram de conciliar maternagem e trabalho remunerado muito antes das brancas. Sobretudo aquelas que eram pobres e urbanas porque nunca desempenharam o papel de esposa-mãe e rainha do lar, que foi estruturante na opressão das brancas norte-americanas. Já Margaret Gibson (2007) escreveu sobre a maternagem *queer*. Segundo O'Reilly (2013; 2016), os estudos da maternagem *queer* enfatizam que nem todas as mães são mulheres, portanto, não existe uma só maneira de se criar uma família. Nessa perspectiva, o desejo e a habilidade para se praticar a maternagem independem de fatores biológicos (sexo, parentesco). Por consequência, ambos trabalhos evidenciam a existência das múltiplas identidades maternas, diferentes experiências de maternagem e formações familiares. Tudo isso é extremamente importante para a consolidação da interdisciplinaridade, relevância e abrangência dos estudos maternos (O'REILLY, 2013; 2016, tradução nossa).

Por que o Feminismo Matricêntrico é necessário?

Segundo O'Reilly (2016), as necessidades e preocupações maternas são o ponto de partida do feminismo matricêntrico. A autora argumenta que a categoria “mãe” é distinta da categoria “mulher”, por causa de diversos problemas especificamente enfrentados pelas mães. Tais problemas afetam suas identidades e subjetividades nos âmbitos psicológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Para O'Reilly (ibid), mesmo depois de muitas décadas de lutas feministas, as mães continuam sendo duplamente oprimidas pelo patriarcado. Primeiro, porque são mulheres; segundo, porque são mães. Por esses motivos, o feminismo matricêntrico mostra-se necessário (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

Nessa linha de pensamento, O'Reilly (2016, tradução nossa) defende que o feminismo matricêntrico precisa ser incorporado ao feminismo acadêmico. Em pesquisa documental, Andrea O'Reilly (2016) e sua assistente, Angie Deveau, levantaram dados quantitativos sobre a representatividade dos temas maternidade e maternagem nos estudos feministas – no período de 2005 a 2015. A pesquisa incluiu painéis temáticos que ocorreram nas conferências anuais da *National Association Women's Studies Conference (NAWS)*; livros e artigos publicados em cinco periódicos feministas (*Signs, Frontiers, Women's Studies Quarterly, Feminist Studies, e Gender and Society*); conteúdos de dez livros didáticos, destinados à introdução aos estudos de gênero e aos estudos das mulheres; ementas e planos de ensino de cinquenta disciplinas relacionadas a estudos de gênero e aos *Women's Studies*.

Ao final da pesquisa, O'Reilly e Deveau concluíram que o conteúdo total, relacionado à maternidade, variava de menos de 1% até 3%, no extenso material pesquisado. Dessa maneira, comprovaram a alarmante discrepância entre a baixa representatividade da maternidade no feminismo acadêmico e o seu alto impacto nas vidas cotidianas das mulheres (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

Os motivos da exclusão da maternidade no feminismo acadêmico

Após desenvolvimento da pesquisa supracitada, O'Reilly (2016) procurou compreender os motivos do desaparecimento da maternidade no feminismo acadêmico no século XXI. Segundo a pesquisadora (ibid.), nos últimos quarenta anos, muitos grupos de mulheres argumentaram que o feminismo dominante – amplamente entendido como feminismo liberal – não lhes representava adequadamente. Nos anos 1990, o feminismo da terceira onda surgiu, justamente, motivado por esta alienação do feminismo da segunda onda. Posteriormente, o movimento feminista reconheceu boa parte dessas reivindicações. Conseqüentemente, a teoria feminista foi aprimorada, incluiu diferentes perspectivas e incorporou novos tópicos às conferências e aos periódicos. Apesar disso, as demandas do feminismo matricêntrico ainda não foram atendidas com o mesmo respeito, nem com o mesmo reconhecimento, pelo feminismo acadêmico. Conforme O'Reilly (ibid.), na maioria das vezes, as reivindicações maternas têm sido descartadas, banalizadas ou até depreciadas (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

Por que as mães precisam de uma perspectiva feminista tão centrada nelas?... Eu me incomodo profundamente que as feministas entendam a interseccionalidade da opressão de gênero quando se trata de raça, classe, sexualidade e localização geográfica, mas não reajam da mesma forma quando se trata da maternidade e maternagem (O'REILLY, 2016, p. 198, tradução nossa).

Como vimos, para O'Reilly, as mães permanecem oprimidas. Por esse motivo, é necessário incorporar as questões maternas nos debates e nas produções feministas (O'REILLY, 2016).

Maternidade: o 'elefante na sala' do feminismo acadêmico

Após décadas de pesquisa, docência e ativismo, O'Reilly (2016) concluiu que, hoje em dia, o feminismo acadêmico ainda não diferencia, ou até confunde, os conceitos de maternagem, maternidade e maternalismo.

(...) como há feministas que se sentem desconfortáveis com qualquer coisa que evidencie as diferenças de gênero e possa sugerir essencialismo (...) a maternidade torna-se um assunto problemático. Mais do que qualquer outro, ela é justamente a questão que demarca diferença de gênero. Afinal, até hoje em dia, somente as fêmeas biológicas podem biologicamente se tornarem mães. Pelo fato de a diferença de gênero ser vista como um fator estruturante na manutenção da dominância masculina, muitas feministas minimizam ou desprezam qualquer marca dessa diferença: a maternidade – é obviamente – a principal delas. (O'REILLY, 2016, p. 203).

Como nos lembra O'Reilly (2016), Rich (1976) conceituou a instituição da maternidade como lugar de opressão patriarcal, mas também ressaltou que as experiências de maternagem podem ser fontes de empoderamento feminino. Neste sentido, enquanto o maternalismo relaciona-se com a dimensão performática da maternidade e promove a ideia de que as mães sabem mais, as práticas de maternagem podem ser desenvolvidas e apreendidas porque não são naturais nem instintivas (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

Eu concordo que a noção de gênero é construída (...) como disse de Beauvoir: "Não se nasce mulher, torna-se mulher" (...) Mas também acredito que as feministas não devam desprezar a maternidade para facilitar a desestabilização do conceito de gênero. Portanto, defendo que seja possível argumentar simultaneamente que a noção de gênero é construída e que a maternidade importa, pois integra a subjetividade e a experiência de cada mãe no mundo. (O'REILLY, 2016, p. 204, tradução nossa).

Nessa perspectiva, O'Reilly (2016) enfatiza que reconhecer o materno é compreender que nós, seres humanos, não somos autossuficientes tampouco livres como pregam os ideais neoliberais.

Eu argumento que o esquecimento do materno na teoria feminista está menos relacionado ao essencialismo de gênero do que à necessidade de se mascarar e negar o materno – nutrição, dependência humana, cuidado e emoção – nas nossas vidas. Reconhecer o materno é lembrar que os seres humanos não são autossuficientes, nem livres, nem sujeitos sem raízes; tal como a espécie vitoriosa do neoliberalismo, celebrada pelo feminismo contemporâneo (O'REILLY, 2016, p. 206-207, tradução nossa).

Considerações finais

O'Reilly (2016) afirma que existem cada vez mais mulheres terminando seus doutorados, porém, a falta de equidade de gênero persiste na carreira acadêmica, tanto quanto em diversas áreas de atuação profissional. Segundo a autora (ibid.), a expectativa do mercado de trabalho é de que cada trabalhador(a) priorize o rendimento profissional e trabalhe ininterruptamente, em detrimento das responsabilidades familiares. Em geral, as mulheres acumulam mais tarefas de maternagem, por esse motivo, elas necessitam romper as barreiras da maternidade nos ambientes profissionais. Além disso, os preconceitos relacionados à falta de profissionalismo, ausências e atrasos, associados ao fato de elas serem mães, prevalece de parte dos empregadores, chefes e colegas de trabalho (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

De acordo com O'Reilly (2016, p. 208, tradução nossa), ter filhos(as) penaliza muito mais as mães acadêmicas do que os pais. Durante uma longa pesquisa sobre este tema, O'Reilly explorou as dificuldades maternas na carreira universitária. A autora comprovou, estatisticamente, que o número de homens com filhos(as) pequenos(as) e empregos estáveis na carreira universitária era muito maior do que o número de mulheres na mesma situação. Em seguida, constatou a existência de muitas mães doutoras, que acabavam desistindo da carreira acadêmica.

Por mais que se possa imaginar que a realidade canadense seja muito diferente da brasileira, precisamos dar visibilidade aos problemas, histórias e experiências maternas brasileiras. Como apontou estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (2017), 50% das mães brasileiras são demitidas em até dois anos após a licença maternidade.

Segundo dados divulgados no relatório *Gender in the Global Research Landscape* (ELSEVIER, 2017 apud BATISTA & RIGHETTI, 2017), mesmo que as cientistas brasileiras já sejam autoras de 49% dos artigos científicos produzidos nacionalmente, os homens ainda ocupam a maioria dos cargos de liderança nas universidades brasileiras. Em outras palavras, nós ainda temos menos mulheres reitoras, chefes de departamentos ou coordenadoras de pesquisas do que homens.

Ao longo da pandemia COVID-19, o movimento *Parent in Science*, liderado pela cientista brasileira Fernanda Stanisçuaski da Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, entrevistou 6 mil estudantes de pós-graduação, pós-doutorandos(as) e professores(as) brasileiros. Os resultados desta pesquisa confirmaram o quanto o isolamento social e a decorrente sobrecarga de tarefas materno-domésticas provocaram uma queda drástica na produção científica das mães pesquisadoras brasileiras. Ainda que essa queda na produção das mães acadêmicas também tenha ocorrido nos países europeus e norte-americanos, os impactos da pandemia sobre as pesquisas das mães cientistas brasileiras estão sendo dramáticos.

De acordo com a reportagem realizada por Giovana Girardi (2020), apenas 10% das pós-graduandas e 5% das pós-doutorandas brasileiras, que são mães, estão conseguindo realizar suas pesquisas na quarentena. Além disso, apenas 51,38% das mulheres docentes com filhos(as) estão conseguindo finalizar seus artigos para submissão. Segundo Stanisçuaski (apud GIRARDI, 2020), a desigualdade de gênero na ciência permanece sendo uma questão urgente e a maternidade tende a acentuá-la. Por esse motivo, é preciso impedir que a pandemia reverta os avanços e aumente, ainda mais, a desigualdade de gênero na ciência.

Os dados levantados por O'Reilly (2016), pelo relatório Elsevier (2017) e pelo *Parent in Science* (2020) indicam o quanto a discussão das dificuldades enfrentadas pelas mulheres e, sobretudo, pelas mães na carreira universitária precisa ser incentivada no Brasil. No último capítulo de *Matricentric Feminism*, O'Reilly diz que

(...) Precisamos de mais mulheres pesquisando a maternidade e a maternagem e precisamos de mais mães professoras na academia (...) Nunca conseguiremos a equidade de gênero entre homens e mulheres se não valorizarmos o trabalho do cuidado materno, tanto quanto valorizamos o trabalho remunerado (...) Necessitamos que o feminismo matricêntrico tenha seu próprio teto no amplo espaço dos feminismos acadêmicos (O'REILLY, 2016, p. 225, tradução nossa).

Concordo com O'Reilly e finalizo este artigo lembrando que trataremos de temas amplos, complexos e, especialmente, polêmicos por estarem imersos em contradições culturais e sentimentos ambivalentes na sociedade contemporânea. Até o presente momento, boa parte dos conhecimentos sobre maternidade e maternagem, incluindo-se reflexões e publicações relevantes no Brasil e no mundo, parece estar diluída dentre nichos das mais diferentes ciências (humanas, da saúde, sociais aplicadas etc.). Por esse motivo, encerro este texto propondo o desenvolvimento de futuros debates, compartilhamentos de experiências e produções acadêmicas centradas nas discussões sobre maternidade e maternagem nos estudos feministas e nos estudos de gênero, privilegiando perspectivas interdisciplinares e transdisciplinares.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

BARAITSER, Lisa. *Maternal Encounters: The Ethics of Interruption*. New York: Routledge, 2009.

BATISTA, Everton & RIGHETTI, Sabine. Mulheres já produzem metade da ciência no Brasil, diz levantamento. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 mar. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/carreiras/2017/03/1864542-mulheres-ja-produzem-metade-da-ciencia-do-brasil-diz-levantamento.shtml>>. Acesso em 10 set. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. “Muitas felicidades! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade.” In: FREIRE FILHO, João (org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p.27-47.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Censo Demográfico 2000: Taxas de Fecundidade Total Brasil e Grandes Regiões 1940-2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/o8052002fecundidade.shtm>> Acesso em 11 set. 2018.

_____. *População: Taxa de Fecundidade Total, Brasil: 2000 a 2013*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050, Revisão 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-de-fecundidade-total>>. Acesso em 10 set. 2018.

_____. *Censo Demográfico 2010: Família e Domicílio*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010435610212012563616217748.pdf>> Acesso em 10 set. 2018.

DOLCE, Julia. Dispensa Maternidade: 50% das mães são demitidas até dois anos após licença diz FGV. Na série de reportagens, mulheres relatam o assédio e preconceito

sofrido no trabalho após a gestação. *Brasil de Fato*, 16 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/08/16/dispensa-maternidade-or-50-das-maes-sao-demitidas-ate-dois-anos-apos-licenca-diz-fgv/>>. Acesso em 10 set. 2018.

DOUCET, Andrea. *Do men mother? Fathering, care, and domestic responsibility*. Toronto: University of Toronto Press, 2006.

DOUGLAS, J. Susan & MICHAELS, W. Meredith. *The Idealization of Motherhood and How It Has Undermined All Women: The Mommy Myth*. New York: Free Press, 2005.

FERNANDES, Maria Helena. A Mulher-Elástico. In: *Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: PUC-SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Laboratório de Psicopatologia Fundamental, 2006. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con._a_mulher_elastico.pdf> Acesso em: 31 jul. 2020.

HAYS, Sharon. *The Cultural Contradictions of Motherhood*. New Haven & London: Yale University Press, 1996.

HILL COLLINS, Patricia. Shifting the Center: Race, Class and Theorizing About Feminist Mothering. In: O'REILLY, Andrea (org.). *Maternal Theory: Essential Readings*. Toronto: Demeter Press, 2007, p. 311-330.

GIBSON, Margaret. Queering Mothering and The Question of Normalcy. In: O'REILLY, Andrea (org.). *Mothers, Mothering and Motherhood Across Cultural Differences. A Reader*. Toronto: Demeter Press, 2014, p. 347-366.

GIRARDI, Giovana. Produção científica de mulheres e mães despenca em meio à pandemia de coronavírus. Questionário enviado para mais de 6 mil estudantes de pós-graduação, professores e pós-docs revela dificuldades; entre as pós-graduandas, apenas 10% estão conseguindo realizar suas pesquisas. *Terra*, 18 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/producao-cientifica-de-mulheres-e-maes-despenca-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus,ad4df23d62d7df58c3f4a7e6de7e4062kwqb8805.html>> Acesso em: 31 jul. 2020.

MARNEFFE, Daphne. The Problem of Maternal Desire. In: O'REILLY, Andrea (org.). *Maternal Theory: Essential Readings*. Toronto: Demeter Press, 2007, p. 668-682.

MENDONÇA, Maria Collier de. *Grávidas, mães e a comunicação publicitária: uma análise semiótica das representações da gravidez e maternidade na publicidade*

contemporânea de mídia impressa. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. 112 p.

_____. *A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. 324 p.

_____. O Feminismo Matricêntrico e o Ativismo Feminista no Motherhood Initiative for Research and Community Involvement (MIRCI) liderado por Andrea O'Reilly. In: *Anais da III Jornadas do LEGH* [recurso eletrônico]. Florianópolis: LEGH/ UFSC, 2018, p. 494-505.

O'BRIEN, Lynn & O'REILLY, Andrea (org.). *Academic Motherhood in a Post-Second Wave Context. Challenges, Strategies and Possibilities*. Toronto: Demeter Press, 2012.

O'REILLY, Andrea. *Rocking the Cradle: Thoughts on Feminism, Motherhood and the Possibility of Empowered Mothering*. Toronto: Demeter Press, 2006.

O'REILLY, Andrea (org.). *Maternal Theory: Essential Readings*. Toronto: Demeter Press, 2007, p. 311-330.

_____. *Maternal Thinking: Philosophy, Politics, Practice*. Toronto: Demeter Press, 2009.

_____. *Twenty-first Century Motherhood: Experience, Identity, Policy, Agency*. New York: Columbia University Press, 2010.

_____. "It saved my life": The National Association of Mothers' Centres, Matricentric Pedagogy and Maternal Empowerment. *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*, Toronto, vol. 4, n.1, Spring/Summer, 2013, p. 185-209.

_____. *Matricentric Feminism: Theory, Activism, Practice*. Toronto: Demeter Press, 2016.

RICH, Adrienne. *Of Woman Born. Motherhood as Experience and Institution*. New York: Norton & Company, 1976.

RUDDICK, Sara. *Maternal Thinking: Toward a Politics of Peace*. New York: Balantine Books. 1989.

THE MOTHERLOAD. CBC Doc Zone. Direção de Cornélia Príncipe. Toronto: Border City Pictures. Canadian Broadcast Corporation (CBC), 2014, (42 min). Temporada: 2013-2014.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo, Tordesilhas, 2014.

Recebido em 20/11/2020.

Aceito em 26/05/2021.